

**Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Curso de Especialização Lato Sensu em Docência na
Educação Básica**

Andréa Nunes Da Costa

**“Construção de uma visão positiva de si: crianças afro-brasileiras na
Educação Infantil.”**

Belo Horizonte

2010

Andréa Nunes da Costa

“Construção de uma visão positiva de si: crianças afro-brasileiras na Educação Infantil.”

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação Infantil, pelo Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Pr.(a)Dr.(a) Isabel de Oliveira e Silva

Belo Horizonte

2010

Andréa Nunes da Costa

“Construção de uma visão positiva de si: crianças afro-brasileiras na Educação Infantil.”

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Educação infantil, pelo Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Professora Isabel de Oliveira e Silva

Aprovado em 11 de dezembro de 2010

BANCA EXAMINADORA

Isabel de Oliveira e Silva – Faculdade de Educação da UFMG - orientadora

Iza Rodrigues da Luz – Faculdade de Educação da UFMG – examinadora

Resumo

O presente trabalho aborda a questão da auto-estima em crianças afro brasileiras de 2 anos da educação infantil. As crianças que foram objetos de minha pesquisa mesmo que muito pequenas e em fase de desenvolvimento da linguagem oral, foram capazes de expressar de maneira muito significativa o seu pensamento e suas preferências.

Ao longo de todo o trabalho desenvolvido na turma do maternal II utilizei com as crianças em todos os momentos, atividades lúdicas e procurei envolver os pais ou responsáveis em algumas atividades.

Percebi que algumas crianças da instituição que trabalho não valorizavam a beleza negra, não por que não gostavam, mas simplesmente porque não a conheciam.

Nesse sentido fez necessário proporcionar a criança conhecer a si mesma, ao colega, perceber e observar as várias formas de beleza existentes na turma, na escola no mundo.

As reflexões nas rodas de conversas ajudaram a criança a iniciar o processo de construção do pensamento sobre sua identidade, a perceber a presença do outro, e a compartilhar com todos os materiais que eram usados nas atividades.

A participação das famílias foi essencial, ao lerem as histórias para as crianças, ao ajudarem e incentivarem a fazer os desenhos, contribuíram de maneira muito significativa nessa construção.

Palavras-chave: criança, literatura, ludicidade, linguagem, imagem.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	8
1.1 Justificativa.....	11
1.2 Auto estima.....	12
1.3 Educação Infantil e a educação das relações étnico raciais.....	13
1.4 A abordagem da temática étnico racial na Educação Infantil de acordo com o Referencial Curricular Nacional.....	14
1.5 As relações étnico raciais nas Proposições Curriculares da Educação Infantil na Prefeitura Municipal de Belo Horizonte.....	15
1.6 A socialização da criança na Educação Infantil e o desenvolvimento de sua auto estima.....	17
1.7 Objetivos.....	18
DESENVOLVIMENTO	
2. Contextualização da Umei e das turmas.....	19
2.1 Síntese Histórica da Instituição.....	19
2.2 A instituição Escolar, as Crianças e a Comunidade.....	20
2.3 Princípios da Instituição Umei Vila Apolônia.....	21
2.4 Quadro de Pessoal.....	22
2.5 Organização das Turmas.....	22
2.6 Rotinas dos turnos.....	23
2.7 Apresentação do Plano de Ação.....	25
2.8 Objetivos.....	26
2.9 Recursos.....	27
2.10 Atividades desenvolvidas.....	27

CONCLUSÃO

3. Análise das atividades desenvolvidas.....	44
3.1 Conclusões e considerações finais.....	48
4. REFERÊNCIAS	51
5. APÊNDICES.....	52

VOCÊ É ESPECIAL, NÃO EXISTE OUTRO IGUAL
DEUS CRIOU VOCÊ ASSIM, DIFERENTE DE
MIM

O SEU CABELO, A COR DA SUA PELE, O TAMANHO
DO PÉ
ALTURA, PESO, MEDIDAS, BRAÇO, PERNA E
BARRIGA
BEM ASSIM COMO É...

(Aline Barros CD-Bom é ser criança)

1. Introdução

Embora a lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003 regulamente o ensino da história e cultura afro-brasileiras e africanas em estabelecimentos de diferentes níveis e modalidades de ensino, percebo que na educação infantil o trabalho com as relações étnico-racial ainda não foi efetivamente incorporado pelos profissionais que atuam na Educação Infantil.

Muitas vezes isso se dá pelo despreparo e desconhecimento dos educadores sobre a história do Brasil, da África e até mesmo sobre sua própria história.

Escolhi esse tema por me interessar muito pela diversidade cultural e particularmente pela questão étnico-racial.

Entendo que esse é um tema bem delicado e que muitas vezes toca no emocional e na auto-estima das pessoas que na maioria das vezes, não admitem possuir concepções e ideologias preconceituosas ou não se reconhecem como negros. Segundo Gomes(2002 pág.3):

A maneira como a escola, assim como na sociedade, vê o negro e a negra e emitem opiniões sobre seu corpo, o seu cabelo e sua estética deixam marcas profundas na vida desses sujeitos. Muitas vezes, só quando se distanciam da escola ou quando se deparam com outros espaços sociais em que a questão racial é tratada de maneira positiva é que esses sujeitos conseguem falar sobre essas experiências e emitir opiniões sobre temas tão delicados que tocam a sua subjetividade.

A escola é um espaço de relações, e nela também acontecem situações de preconceitos, de discriminações e desigualdades, pois nem sempre a diversidade na escola é tratada com um olhar positivo.

Essas desigualdades de tratamento podem receber conotações negativas deixando a criança em situação de conflito entre sua identidade cultural e as referências que são impostas a ela.

Apesar de muita coisa ter melhorado, ainda há muito por fazer e acredito que posso dar minha contribuição a esse movimento de resgate e de reconhecimento

da cultura negra, trabalhando com as crianças da Educação Infantil, questões relacionadas á sua cultura. Para Gomes(2003, pág.3):

A escola, enquanto Instituição social responsável pela organização, transmissão e socialização do conhecimento e da cultura, revela-se como um dos espaços em que as representações negativas sobre o negro são difundidas. E por isso mesmo ela também é um importante local, onde estas podem ser superadas.

Alguns educadores acham o tema muito complexo para ser trabalhado com crianças pequenas, dizem haver escassez de literatura sobre o assunto com uma abordagem para crianças. Porém tenho visto que a literatura evoluiu muito, hoje podemos encontrar livros e livrarias que tratam do assunto com uma linguagem bem apropriada ao universo infantil e com muita sensibilidade, abordando assuntos desde os mais complexos até os mais corriqueiros.

Não posso também desconsiderar o papel das mídias na construção da identidade da criança, pois como se sabem elas passam um tempo significativo em frente à televisão, ficando expostas a todo tipo de informação, e que raramente apresenta como referência de beleza e de sucesso pessoa negra. Para Paraíso (2004):

As representações divulgadas pela mídia estão estreitamente vinculadas a relações de poder que incluem ou excluem que fazem determinados grupos e pessoas falarem e outros calarem, que apresentam determinadas formas de pensar, de estar no mundo como verdadeiras e outras não válidas.

A mídia é vista então, como esse lugar que, na cultura contemporânea, emerge como fundamental para a construção das verdades e das formas culturais de vida das pessoas. (pág.60)

Penso que nós educadores temos um papel fundamental na construção da identidade das crianças.

É um dever enquanto profissional romper com o preconceito, a desigualdade e com a exclusão das crianças negras na escola e contribuir na divulgação da diversidade de tipos humanos brasileiros. Gomes(2003) frisa que trabalhar tratar, lidar, problematizar e discutir sobre educação e cultura negra no Brasil é assumir uma postura política(pág.3)

Entendendo que a escola, é na sociedade, um espaço de igualdade, e diversidade onde eu como profissional da educação consciente tenho o dever de criar situações de interação e solidariedade entre todas as crianças, de suas famílias, não importando sua cor, seu credo, sua condição econômica ou social.

A cultura negra pode ser vista como uma particularidade cultural construída historicamente por um grupo étnico/racial específica, não de maneira isolada, mas no contato com outros grupos e povos. Essa cultura faz-se presente no modo de vida do brasileiro, seja qual for seu pertencimento étnico.

Gomes (2003, pág.3).

Faz-se necessário que tanto as crianças e seus familiares tenham acesso aos conhecimentos que explicam a existência das diferentes características físicas, dos diferentes tons de pele, de tipos de cabelos, formato de nariz, valorizando a beleza e toda a especificidade do povo negro.

Através de ações positivas de estímulo e incentivo à pessoa, pode-se quebrar rótulos construídos e enraizados historicamente que dificultam uma imagem positiva das pessoas negras.

Nesse sentido é necessário enfatizar tudo que a criança e sua família têm de melhor, pois estreitar laços de afetividade, confiança são importantes para se trabalhar essa questão, pois são assuntos que envolvem sentimentos advindos de uma situação histórica de exclusão, exploração e sentimentos de inferioridade.



(Maria Eduarda, Clarissa, Gabriel, Alex e Daniela)

1.1 Justificativa.

Realizei um trabalho e busquei ajudar na construção de uma auto estima positiva em crianças negras na instituição na qual trabalho. Propondo atividades que promovessem o reconhecimento e a valorização do negro, quebrando com os estereótipos de que tudo que é negro, feio, inferior é sujo.

Procurei mostrar às crianças o quanto elas são capazes, que são belos e podem ser pessoas de sucesso como qualquer outra pessoa, que a cultura negra, é tão importante, rica, quanto às outras formas de cultura existentes na nossa sociedade.

A fundamentação teórica escolhida para realizar a análise foi referente à linguagem e interação entre os sujeitos. Para Vygotsky a linguagem (verbal e não-verbal) é carregada de mensagens e significações, ela é o principal instrumento de intermediação do conhecimento entre as pessoas e o meio.

A linguagem, para o autor ocupa um lugar fundamental no desenvolvimento humano, e nas relações humanas, sendo compreendida como uma prática social, não apenas como um instrumento de comunicação, mas de um mecanismo de interação social.

A partir de 2 anos de idade a linguagem passa a ter significado para as crianças, e se inicia o desenvolvimento do pensamento verbal, esse pensamento verbal é que vai significar a linguagem da criança. A interação entre, a criança, seu meio e as pessoas de sua convivência é que contribuem para significar a sua linguagem.

Esse significado é construído ao longo da historia da criança, com base nas relações que ela vai estabelecendo no seu cotidiano. Segundo Vygotsky (1984, pág.27)

Desde os primeiros dias de desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social, sendo dirigidas a objetivos definidos, são refratados através do prisma do ambiente da criança. O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social.

Essa relação que a criança vai construindo, contribui na formação da imagem que ela terá de si e dos outros, no seu sentimento de pertencimento racial e social.

A imagem que ela construirá será influenciada de maneira positiva ou negativa, dependendo da forma com que seja tratada.

Penso que a identidade e a consciência da criança negra estão sendo constituídas por valores sociais sobre o negro, que circulam na sociedade, que depois passam a fazer parte de seus próprios valores no processo de interação social. Esses valores muitas das vezes são deturpados, por uma ideologia de conservação de estereótipos sobre a Cultura afro brasileira.

Na educação infantil é importante ressaltar que é uma etapa fundamental para o desenvolvimento humano, e todas as relações e construções ocorridas nessa etapa, terão grande influência para o desenvolvimento futuro da criança como um ser social, daí um papel importante da interação social no desenvolvimento do ser humano.

No entanto, dependendo de como é estimulada e construída essas relações elas poderão ou não contribuir para o reconhecimento do outro e para a constatação da diferenças como algo a ser valorizado.

Estimular a linguagem e a interação com o outro e com o meio, e que se pode construir o entendimento de que, o outro é tão importante quanto eu sou.

Nessa perspectiva de valorização e reconhecimento entendo que, valorizar todas as diferenças e conhecê-la e uma maneira também de respeitá-la, pois na maioria das vezes nos relacionamos melhor com o que conhecemos.

1.2 O que é Auto estima.

De acordo com Mosquera (1977) a identidade psicológica é um processo que engloba a auto-imagem e a auto-estima. Segundo o autor a auto estima é a confiança que o sujeito tem em si que é altamente influenciada pela imagem que os outros fazem da pessoa.

O contexto, as características físicas e biológicas o processo do qual o desenvolvimento emerge, influenciam na construção do auto-conceito pela pessoa.

O auto -conceito por sua vez se forma a partir das mediações socioculturais do individuo ao longo do seu desenvolvimento.

Nesse sentido, o auto-conceito se realiza através de processos da auto realização, senso de identidade, realização e domínio dos desejos e objetivos, consciência de ser único e autônomo capaz de agir individualmente e coletivamente.

Lidar com esses três elementos auto-estima, auto-imagem e auto conceito na educação infantil, é muito importante, pois a criança pequena esta formando e construindo sua identidade a partir das relações estabelecidas entre os professores, as crianças e seus pares.

E essa construção pode influenciar de forma positiva ou negativa na imagem que ela vê de si, fazendo com que ela goste ou não do que vê.

1.3 Educação Infantil e a Educação para as Relações Étnico-raciais

Independente do grupo social e/ou étnico racial a que atendem, é importante que as instituições de educação infantil reconheçam o seu papel e sua função social de atender às necessidades das crianças constituindo-se em espaço de socialização, de convivência entre iguais e diferentes.

Sua forma de pertencimento, como espaços de cuidar e educar, que permitam as crianças explorarem o mundo, novas vivências e experiências. Ter acesso a diversos materiais como livros, brinquedos, jogos assim como momentos para o lúdico, permitindo uma inserção e uma interação com o mundo e com as pessoas presentes nessas socializações de forma ampla e formadora.

1.4 A abordagem da temática étnico-racial na Educação Infantil de acordo com o Referencial Curricular Nacional.

A educação de crianças de zero a seis anos comporta especificidades que precisam ser consideradas.

Essas especificidades de acordo com o Referencial Curricular Nacional para a educação infantil são afetivas, emocionais, sociais e cognitivas. Segundo o referencial curricular nacional para a educação infantil, educar é propiciar às crianças situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada.

Isso contribui para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser o estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, de respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural.

O ato de cuidar e educar faz com que ocorra uma estreita relação entre as crianças e os adultos. As crianças precisam de educadores afetivos que possibilitem interações da criança com o mundo.

Um mundo que transita permanentemente entre o passado (hábitos e costumes) e o novo (inovações tecnológicas).

Nesse sentido acolher a criança implica no respeito a sua cultura, corporeidade, estética e presença no mundo.

Na perspectiva de muitas culturas, e também da africana, o processo de aprendizagem se dá por toda a vida, sendo importante considerar que a valorização da pessoa desde o seu nascimento até sua velhice. O respeito aos mais velhos é um valor que precisa ser transmitido às crianças afro-brasileiras.

Os adultos são fundamentais nesse processo de caminhada para a compreensão da vida e das relações com o mundo que as crianças iniciam desde que nascem.

1.5 As relações étnico-raciais nas proposições curriculares de Belo Horizonte

De acordo com as proposições curriculares do município de Belo Horizonte é necessário considerar as crianças pequenas no centro de nossa ação educativa conhecendo quem elas são, do que elas gostam e precisam, reconhecendo que elas trazem seus desejos, as especificidades de seu desenvolvimento nas várias dimensões: física, afetiva, cognitiva, lingüística, social, ética e estética.

Assim, a organização e prática pedagógica devem garantir às crianças pequenas um espaço legítimo para viver tudo aquilo que consideramos próprio da infância, num ambiente seguro, saudável, acolhedor e estimulante, com uma rotina bem estruturada e flexível em seu cotidiano. O respeito à sua individualidade e suas diferenças deve estar sempre presente na construção de laços afetivos e sociais e de sua identidade e autonomia. Criando várias possibilidades de se expressar por meio das múltiplas linguagens e oportunidades de experimentar, explorar e ampliar os conhecimentos do mundo a sua volta.

Nessa perspectiva, as práticas pedagógicas nas instituições devem ser problematizadas na busca de um equilíbrio entre aquilo que acreditamos ser a criança pequena e das intencionalidades educativas destinadas a elas.

A criança pequena precisa de oportunidades de socialização, de vivenciar atividades cooperativas, de tempo e ajuda para significar suas manifestações, de atividades adequadas e prazerosas.

Nesse documento, considera-se que a criança de três até seis anos precisa e gosta de brincar, de alimentar-se, de falar de si, de ouvir e contar histórias e de expressar-se através de várias linguagens.

Dentre as linguagens simbólicas, temos a linguagem dos sons, do toque, da fala, da escrita, dos cheiros, dos sabores, do brincar, das atitudes, das marcas, das posturas, das reações emocionais, do desenho, da arte.

São essas linguagens que nos permitem adentrar “realmente” o universo infantil, entendendo que as crianças possuem muitas maneiras diferenciadas de pensar e de aprender.

Assim, é importante valorizar a construção de significados pela criança em todas as suas linguagens, que são múltiplas e diversas.

Nessa perspectiva as Proposições Curriculares estabelecem para o trabalho na Educação Infantil sete linguagens, que representam as múltiplas linguagens que as crianças utilizam articuladamente: Artes plásticas visuais, Linguagem corporal, Linguagem digital, Linguagem escrita, Linguagem musical, Linguagem matemática, Linguagem oral.

As instituições de Educação Infantil devem propor às crianças, experiências centradas nesses eixos e linguagens que possibilitarão o desenvolvimento das capacidades e habilidades pela criança.

O eixo 1 a Construção de atitudes e valores propõe práticas pedagógicas que priorizam e estimulam as relações da criança com o mundo a sua volta e com o outro.

Sendo capaz ao final do ciclo desenvolver algumas capacidades que estão mais condizentes e apropriadas às crianças na faixa etária de 0 a 3 anos de idade,

- Construir uma imagem positiva de si, ampliando a autoconfiança, identificando cada vez mais limitações e possibilidades e agindo de acordo com elas;
- Identificar algumas singularidades próprias e das pessoas com as quais convive no cotidiano em situações de interação;
- Realizar pequenas ações cotidianas ao seu alcance para adquirir independência.
- Identificar e enfrentar situações de conflitos, utilizando recursos pessoais; respeitando as outras crianças e adultos e exigindo reciprocidade;
- Selecionar as preferências, respeitando as preferências dos outros;
- Interagir com o meio em situações cotidianas de forma consciente;
- Relacionar-se com as pessoas e com o meio onde estão inseridas;
- Valorizar suas conquistas e as dos outros, identificando e respeitando as limitações de ambos;
- Valorizar ações de cooperação e solidariedade, desenvolvendo atitudes de ajuda e colaboração e compartilhando vivências;
- Adotar hábitos de auto cuidado, valorizando atitudes relacionadas à higiene, alimentação, conforto, segurança, proteção do corpo e cuidado com a aparência;
- Reconhecer o próprio corpo e as diferentes sensações e ritmos
- Valorizar atitudes relacionadas à saúde e ao bem estar individual e coletivo;

- Identificar e compreender a pertinência aos diversos grupos dos quais participa, respeitando regras básicas de convívio social e diversidade que os compõem;
- Respeitar as regras simples de convívio social.
- Ser cooperativo com o grupo de convivência.
- Perceber se como membro de uma coletividade.

1.6 - A Socialização da criança na Educação Infantil e o desenvolvimento de sua auto-estima.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil a auto-estima que a criança vai desenvolvendo é, em grande parte, interiorização da estima que se tenha por ela e da confiança que os outros têm em relação a ela. A postura corporal, somada a outras linguagens do adulto, transmitem informações às crianças, possibilitando formas particulares e significativas de estabelecer vínculos.

Falar de auto-estima das crianças significa compreender singularidade de cada uma em seus aspectos, corporais, culturais e étnico-raciais. As crianças possuem uma natureza singular que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito próprio.

No Brasil foi construído, ao longo da história, um sistema classificatório relacionado com as cores das pessoas.

O cabelo, transformado pela cultura como sinal mais evidente da diferença racial, nesse processo, as cores branca e preta são tomadas como representantes de uma divisão fundamental do valor humano.

A criança que vivencia situações de discriminação com relação ao seu corpo pode não construir uma imagem positiva de si mesma.

Dependendo da forma como é entendida e tratada à diversidade étnico-racial nas instituições, pode auxiliar as crianças a valorizar a sua cultura, seu corpo, seu jeito de ser, ou caso contrário favorecerá a discriminação ao silenciar-se diante da diversidade e da necessidade de realizar abordagens de forma positiva, diante da realidade social que desvaloriza as características físicas das crianças negras.

1.7 Objetivos

O Projeto teve como objetivo geral, analisar e viabilizar por meio do plano de ação estratégias que contribuam na construção da auto-estima positiva em crianças de 2 anos de idade da educação infantil. E com objetivos específicos de analisar como integrar às práticas pedagógicas as tradições, crenças, hábitos e costumes da cultura afro brasileira, e a romper com estereótipos dominantes e preconceituosos em sala de aula, analisar formas de valorização das características das crianças afro brasileiras, no processo de formação da sua identidade.

2. Contextualização da Umei e da turma de crianças

A Umei Vila Apolônia, esta situada á rua Marrocos, número 614, na Vila Apolônia, bairro Jardim Leblon, cep 31.570-230, telefone 3277-7852. É vinculada a Escola Municipal Eliza Buzelin e é dirigida pela diretora Adeilde Aparecida da Silva e pela vice-diretora Adriana Araujo Azevedo Salles. Foi fundada em 17 de fevereiro de 2001 com o objetivo de atender as mães solteiras que necessitavam trabalhar e não tinham onde deixar seus filhos, um espaço educativo onde estas crianças pudessem permanecer e crescer de forma digna e feliz.

A instituição possui sede própria e atende a crianças de faixa etária de 2 anos a 5 anos e 6 meses.

A instituição funciona de 07h00min ás 17h30min em dois turnos sendo que o primeiro turno é de 07h00min ás 11h30min e o segundo turno 13h00min ás 17h30min.

2.1 Síntese Histórica da Instituição

A Umei Vila Apolônia foi fundada em 17 de fevereiro de 2001 com o nome de Creche Comunitária do Grupo Espírita Precursor.

A Vila Apolônia sempre foi uma comunidade extremamente pobre com graves problemas sociais como drogas, tráfico, violência falta de saneamento básico, atendimento à saúde deficiente e com um número significativo de mães solteiras que precisavam trabalhar e não tinha com quem deixar seus filhos. Nessa perspectiva, uma creche era uma necessidade para sua comunidade.

A Umei Vila Apolônia, então creche comunitária Aprendendo a Viver, foi fundada pela luta dessa comunidade, que desejava há anos uma creche para minimizar as dificuldades da vida de suas famílias e, conseqüentemente de suas crianças, proporcionando-lhes uma infância feliz.

Assim, em 2001 nascia a Creche Comunitária Aprendendo a Viver que infelizmente ficou apenas no sonho, pois sua comunidade não conseguiu se organizar de forma a garantir um convênio com a Prefeitura Municipal, sendo seu prédio invadido e destruído aos poucos pelo vandalismo.

Surgem as Umeis-Unidades Municipais de Educação infantil, com a prefeitura de Belo Horizonte assumindo a Educação Infantil na cidade. A até então chamada Creche Comunitária Aprendendo a Viver torna-se uma Unidade de Educação Infantil, a Umei Vila Apolônia.

Com recursos da PBH a creche agora desempenha sua função: espaço público de atendimento as crianças.

Em 2005 inicia-se definitivamente o processo de municipalização com o concurso das educadoras infantis e a transformação de algumas escolas municipais em escolas-núcleo.

Assim, a Escola Municipal Eliza Buzelin torna-se núcleo da Umei Vila Apolônia.

A Umei Vila Apolônia é hoje um espaço educativo. Aquele espaço que um dia foi apenas um sonho de sua comunidade.

2.2 A Instituição Escolar, as Crianças e a Comunidade

De acordo com as informações retiradas do Projeto Político da Umei, a Vila Apolônia é a maior Vila da região de Venda Nova, no bairro Jardim Leblon. Suas moradias são barracos de 1 a 3 cômodos com uma média de 5 a 10 pessoas, morando em áreas de risco, sem esgoto, sem água encanada e sem luz elétrica estatal. A luz elétrica, quando existe, é através de ligações clandestinas. Os moradores não possuem telefone fixo, mas, em sua maioria, possuem telefone celular pré-pago.

As famílias, em sua maioria, são formadas pela mãe e filhos a mãe trabalha para sustentar os filhos, sendo muitas delas bordadeiras autônomas, empregadas domésticas e faxineiras.

O pai, quando está na família, tem subemprego ou está desempregado. Muitos pais têm outra família, estão presos ou ainda, foram vítimas do crime.

A renda mensal da população da Vila é de um (01) salário mínimo.

A comunidade é dividida entre católicos e evangélicos, tendo uma igreja católica dentro da vila e duas em seu entorno e várias igrejas evangélicas.

A maioria da população da Vila vem do norte de Minas Gerais (Jequitinhonha) e da Bahia, tem o 1º grau incompleto e tem descendência negra.

Muito embora os dados não sejam precisos, é possível dizer como a Vila Apolônia se caracteriza por uma população de baixa renda

Segundo o Projeto Político Pedagógico da Umei, a Vila Apolônia é uma área de extrema vulnerabilidade social, com alto grau de criminalidade.

Por este motivo, esta comunidade é atendida pelo Programa BH Cidadania que atua através do Núcleo de Apoio à Família.

O NAF desenvolve vários projetos dentro da Vila, alguns com parceria como 'Sempre as Terças', 'Grupo de Terceira idade', 'Espaço de Leitura', 'Oficina de esportes' e muitos outros. A comunidade é atendida pelo centro de Saúde Jardim Leblon e tem na sua Associação Comunitária um atuante instrumento de organização comunitária.

2.3 Princípios da Instituição da UMEI Vila Apolônia

De acordo com seu Projeto Político Pedagógico a Umei Vila Apolônia possui como princípios o respeito á dignidade e aos direitos das crianças, consideradas nas suas diferenças individuais, sociais, econômicas, culturais, étnicas, religiosas.

O direito das crianças de brincar, como forma particular de expressão, interação, comunicação infantil.

O acesso das crianças aos bens socioculturais disponíveis, ampliando o desenvolvimento das capacidades relativas á expressão, a comunicação, a interação social, ao pensamento, á ética e a estética.

A socialização das crianças por meio de sua participação e inserção nas mais diversificadas práticas sociais, sem discriminação de espécie alguma.

O atendimento aos cuidados essenciais da criança associados à sobrevivência e ao desenvolvimento de sua identidade.

2.4 Quadro de Pessoal

A Umei Vila Apolônia possui 1(um) direção e 2(dois) vice diretores, vindos da escola núcleo, cuja função é administrativa pedagógica, com carga horária diária de 08h00min.

A coordenação Pedagógica são 2(dois) educadoras, cuja função é de coordenar às práticas pedagógicas da instituição.

São 12(doze) educadoras, com carga horária diária de 04h30min.

Possui 1(um) auxiliar de secretaria, com carga horária diária de 06h00min e 5(cinco) auxiliares de serviços gerais com carga horária diária de 08h00min.

2.5 Organização das turmas

A organização das turmas se dá de acordo com as orientações do CME\BH Nº01\2000 sobre a relação educador\criança.

TURMAS	RECORTE ETÁRIO
5 a 5 anos e 6 meses	01\07\01 a 30\02\02
4 a 5 anos	01\05\02 a 30\04\03
3 a 4 anos	01\05\03 a 30\04\04
2 a 3 anos	01\05\04 a 30\04\05

A unidade possui uma única turma de crianças com faixa etária de 2 a 3 anos(Maternal II) que são atendidas em período integral, que é composta por 16 crianças com 4(quatro) educadoras referência, sendo 2 (duas) no primeiro turno e 2(duas) no segundo turno.

São 2(duas) turmas de Maternal III num total de 40 crianças sendo 20 crianças em cada turma, atendidas em horário parcial uma turma no primeiro turno e outra no segundo turno. Com uma professora referência e uma de apoio.

O 1º período são as crianças entre 4 e 5 anos, com 2(duas) turmas, sendo uma no primeiro turno e outra no segundo turno, e composta por 20 crianças com uma professora referência e uma professora apoio.

E 2(duas) turmas de 2º período, uma em cada turno com 25 crianças em cada uma, com idade entre 5 a 5 anos e 6 meses, com uma professora de referência e uma professora apoio.

2.6 Rotina do 1º turno

➤ Entrada

-07h00min: as crianças são recebidas pela coordenadora são encaminhados para o pátio descoberto através do portão lateral, onde são recebidos pelas professoras para a socialização diária: conversa informal, canto, histórias, oração, Hino Nacional. Após a entrada, os alunos vão para a sala de aula ou para outros espaços da Unidade para o desenvolvimento de atividades específicas da turma, de acordo com o planejamento de cada professora.

➤ Café da Manhã

-07h30min às 07h50min: Maternal II e 2º período

-07h50min às 08h10min: Maternal II e 1º período

Após o café, as crianças vão para a sala de aula ou para outros espaços da Unidade para o desenvolvimento de atividades específicas da turma, de acordo com o planejamento de cada professora.

➤ Recreio

-09h00min às 09h20min: Maternal II e 2º período

-09h25min às 09h40min: Maternal III e 1º período

Após o recreio, as crianças vão para a sala de aula ou para outros espaços da Unidade para o desenvolvimento de atividades específicas da turma, de acordo com o planejamento de cada educadora.

➤ Almoço

-10h20min: Maternal II e 2º período

-10h40min: Maternal III e 1º período

Após o almoço

-Higiene bucal

-Os alunos voltam para a sala e preparam-se para a saída

-O Maternal II volta para a sala: hora do soninho.

Obs: Todas as turmas têm o seu dia e horário definidos para uso da TV/DVD/vídeo, parquinho, uso do refeitório e pátio da frente.

Rotina do 2º turno

➤ Entrada

--13h00min: os alunos são recebidos pela coordenadora encaminhados para o pátio descoberto através do portão lateral, onde são recebidos pelas professoras para a socialização diária: conversa informal, canto, histórias, oração, Hino Nacional. Após a entrada, os alunos vão para a sala de aula ou para outros espaços da Unidade para o desenvolvimento de atividades específicas da turma, de acordo com o planejamento de cada professora.

➤ Café da Tarde

-14h00min às 14h20min horas: Maternal II e III

-14h20min às 14h40min horas: 1º e 2º períodos

Após o café, as crianças vão para a sala de aula ou para outros espaços da Unidade para o desenvolvimento de atividades específicas da turma, de acordo com o planejamento de cada professora.

➤ Recreio

-14h20min às 14h40min horas: Maternal II e III

-14h40min às 15h00min horas: 1º e 2º períodos

Após o recreio, as crianças vão para a sala de aula ou para outros espaços da Unidade para o desenvolvimento de atividades específicas da turma, de acordo com o planejamento de cada educadora.

➤ Jantar

-16h20min às 16h40min Maternal II e III

-16h40min: às 17h00min 1º e 2º períodos

➤ Após o jantar

-Higiene bucal

- Os alunos voltam para a sala e preparam-se para a saída.

Obs: Todas as turmas têm o seu dia e horário definidos para uso da TV/DVD/vídeo, parquinho, uso do refeitório e pátio da frente.

2.7 Apresento a seguir, o plano de ação pedagógica desenvolvido no contexto da Especialização lato Sensu da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Esse é um projeto de valorização da criança afro brasileira dentro e fora da Umei Vila Apolônia.

Em sua primeira etapa, busquei conhecer um pouco mais os pais das crianças do maternal II.

Esse primeiro contato com os pais aconteceu em uma reunião.

Com um formato diferenciado e muito acolhedor, fiz um café da tarde, aconteceram conversas bem descontraídas, os pais e responsáveis pelas crianças puderam conhecer como se dá a organização da escola, através de fotos projetadas pelo datashow, a rotina das crianças. Esclareci a respeito do projeto que desenvolveria com a participação ativa e fundamental deles e das crianças.

Entreguei a todos os pais e responsáveis presentes, uma autorização para que assinassem caso concordasse com o uso da imagem de sua criança nas atividades do projeto. Os pais ou responsáveis que não estavam presentes as autorizações foram enviadas para casa e apenas uma retornou sem assinar.

Pude observar o interesse em conhecer a escola, as professoras e o ambiente no qual suas crianças passam a maior parte do tempo. Ficaram muito satisfeitos e de certa forma “orgulhosos” em saber que suas crianças fariam parte do trabalho desenvolvido e se comprometeram em colaborar no que fosse preciso.

Após os esclarecimentos, iniciei a segunda parte do projeto, que consistiu em proporcionar as crianças o envolvimento em atividades que contribuíssem na construção de uma imagem positiva das crianças da turma, através da afetividade, do conhecimento e reconhecimento do outro a partir da socialização e valorização das suas características.

Utilizando estórias, contos, músicas, imagens, dramatizações, brinquedos busquei estreitar a relação de afetividade, entre as crianças. Durante todo o trabalho as famílias foram convidadas a participarem das atividades junto com a sua criança, em casa.

As famílias liam os livros para as crianças que previamente eram trabalhados com a turma, portando as crianças conheciam as estórias para poderem escolher a que mais gostassem. Abordando de maneira lúdica temas relativos á diversidade.

As famílias fizeram junto da criança desenhos no tecido que representassem sua interpretação da estória lida. A cada dois dias uma criança levava para casa todos os materiais, uma boneca ou boneco, que foram confeccionados com o objetivo de que as crianças tivessem contato com bonecos negros. Sabemos que em nossa sociedade, os brinquedos ajudam na conservação e padronização dos estereótipos de beleza na medida em que, não valoriza as características dos outros tipos humanos, divulgando e oferecendo na maioria das vezes bonecas com estilo europeu, brancos, com cabelos loiros e olhos azuis. Pensei em oferecer as crianças outra opção, diferente das existentes. No inicio teve resistências, pois não gostaram dos bonecos. Mas na medida em que foram conhecendo, as estórias, os trabalhos foram se desenvolvendo mostrando que existem várias possibilidades de beleza, as crianças foram gostando dos bonecos.

Todos os trabalhos feitos pelas crianças e suas famílias foram expostos na feira de Cultura da escola. E todos puderam vê-los finalizado, o livro de autoria das crianças do maternal II e ilustrado pelas crianças do 2º período foi doado á escola.

2.8 Objetivos e sujeitos com os quais foi desenvolvida a Pesquisa de Intervenção.

O projeto teve como objetivo geral promover a valorização, o respeito e o reconhecimento da história de vida das crianças negras, e de suas famílias e dos profissionais da educação na instituição rompendo com preconceitos e estereótipos dentro e fora da escola. E como objetivos específicos valorizar as características das crianças, familiarizando-se com a imagem de seu corpo, promover entre as crianças a construção da imagem positiva de si, estimular a participação das famílias na construção da identidade das crianças, adequar à Educação Infantil ao ensino da cultura afro brasileira. A pesquisa- intervenção foi desenvolvida com 17 crianças, sendo 16 crianças que nunca freqüentaram uma instituição de Educação infantil e uma criança vinda de outra instituição. São

crianças em sua grande maioria de pele negra. Todas são muito bonitas e espertas. Estão em desenvolvimento de sua linguagem, dessas crianças 5 delas se destacam pela sua desenvoltura, criatividade e organização do pensamento Ártur, Ágatha, Bruno, Clarissa, Adriene. Os pais também participaram dos trabalhos lendo e incentivando a leitura das crianças e o desenvolvimento de sua criatividade na realização dos desenhos em casa.

2.9 Recursos

Livros literários

Menina bonita do laço de fita de Ana Maria Machado

Os cabelos de Lelê de Valéria Belém

Bonequinha preta de Alaíde Lisboa de Oliveira

As tranças de Bintou de Sylviane A. Diouf

Livros de Pesquisa

Sou preto da linda cor

As crianças do mundo

Bonecas negras cadê? De Maria Zilá Teixeira de Matos

Canetas de tecidos

Jornais

Tecido americano cru

Prendedores de cabelos (tererês, buchinhas coloridas, gel,)

Datashow

Retalhos

bonecos e bonecas de pano

Papéis diversos

Espelho

Aparelho de som

CDs Pandalelê- Brinquedos Cantados

2.10 Atividades desenvolvidas

Tema: Identidade

Objetivo

- Familiarizar-se com a imagem de seu corpo

Atividade 1

Desenvolvimento

Todas as atividades devem ser feitas em frente aos espelhos, sempre estimulando a observação.

Incentivar os pequenos a observar a própria imagem. Pedi para que eles toquem diferentes partes do corpo. Propus brincadeiras como balançar os cabelos, levantar os ombros e cruzar os braços. Estimulando a imitar os gestos dos colegas:

- Olha o Bruno ta fazendo uma careta. Vamos fazer igual?
- Olha a Daniela está desfilando. Vamos desfilarmos também?

Atividade2

Coloquei cantigas de roda (Boneca de lata, A pulguinha)que abordam partes do corpo e sugerem movimentos. O objetivo é se aventurar em novos gestos, imitar e observar os colegas.

Atividade3

Para brincar com expressões faciais mostrei cartazes com diversas fisionomias e pessoas de características diferentes para que as crianças imitassem.

Tema: Reconhecendo a si e ao outro

Objetivo

- Valorizar as características da criança

Atividade 1

Desenvolvimento

Chamadinha de “rostinhos”.

Foi confeccionado para cada criança com retalhos de EVA e papéis diversos, rostos com cores diferentes, e a foto escaneada de cada criança para ser usada como chamada da turma.

Essa atividade é feita logo após a organização da sala, pois as professoras ao chegarem à escola, encontram as crianças em seu momento de “descanso”.

Iniciamos o despertar das crianças e após a organização da sala, começamos essa atividade.



(Preparação para a chamada)

Na roda é mostrada para as crianças a foto de cada um dos colegas. E fazemos as seguintes perguntas dando ênfase em alguma característica da criança, sempre mostrando a foto da criança.

- Quem é esta linda menina de cabelos cacheados?
- Quem é este menino bonito dessa foto?
- Nossa que menino lindo!
- Quem é como ele se chama mesmo?
- Ela/ele está hoje aqui na sala?
- Vamos procurar?

Algumas crianças criaram uma maneira bem curiosa de responder á chamada, o primeiro a responder assim foi o Bruno ele criou a seguinte expressão “presente natal feliz” não sabemos de onde tiraram. Mas se tornou um jargão da turma.

As fotos das crianças que estão na sala, vão para o mural, as outras que estão ausentes, fizemos uma caixinha decorada para colocá-las.

Em seguida é feita uma contagem oral dos rostos das crianças que estão na sala através de palmas.

A cada rosto uma palma, contando em seqüência.

Essa atividade é realizada todos os dias e faz parte da rotina da turma.



(A professora realizando a atividade com as crianças)

Atividade 2

Fiz um grande tapete de Eva com as fotos das crianças de tamanho bem grande, para continuar o trabalho de reconhecimento de si e dos colegas.



(Ítalo e Arthur se reconhecendo nas fotos)

É muito interessante como as crianças gostam de se ver, sempre que vou na direção de algum deles com a máquina fotográfica eles ficam muito eufóricos em se ver.

Nessa atividade praticamente todos conseguiram se encontrar no tapete. Inicialmente eles se identificavam, pegavam o tapete e se sentavam em formato de roda. Essa é uma forma diferenciada de realizar a atividade de chamada, fizemos a contagem oral, através de palmas e da música “Palminhas”, que trabalha alguns conceitos em cima, embaixo, forte, leve, para um lado, para o outro.

Palminhas, palminhas nós vamos bater,
Depois as mãozinhas pra trás esconder,
Pra cima, pra baixo nós vamos bater
Depois as mãozinhas pra traz esconder...

Tema: A beleza está na diversidade

Objetivo

- Promover entre as crianças a construção de imagem positiva de si.

Atividade 1

Desenvolvimento.

No dia anterior a essa atividade, eu disse às crianças que traria para elas uma grande surpresa, um presente, que elas iam gostar muito. Todos ficaram eufóricos com a notícia querendo saber o que eu ia trazer.

Bruno que é um aluno muito esperto começou a especular:

- Oh, Andréa você vai trazer bala pra gente?
- Ou é carrinho?

E assim todos começaram:

- É presente?
- É bola?
- É pirulito?

Apesar de todo interrogatório, continuei com o mistério.

Chegado o dia de revelar o mistério, fiz uma caixa bem bonita, bem decorada, como se fosse uma caixa de presente mesmo e levei para sala.



(A professora fazendo a apresentação da caixa surpresa)

Dentro da caixa, tinham dois bonecos negros de pano, menino e menina, o livro Menina bonita do laço de fita, o livro, o Livro As tranças de Bintou, e A bonequinha Preta. Todos esses livros foram trabalhados em sala em momentos diferentes.

Fiz um suspense, lançando perguntas:

O que vocês acham que tem aqui dentro dessa caixa?

Arthur falou:

- É um elefante!

Eu falei:

Mas como um elefante ia caber aqui dentro dessa caixa?

Ficaram um pouco pensativos.

Falaram vários bichos. E Clarissa respondeu;

- É uma boneca.

Eu disse:

Será que é uma boneca?

Quem quer colocar a mão aqui dentro pra sentir o que tem dentro?

Todos quiseram.

Ana Luiza pegou no livro e disse:

- Ah! É um caderno!

Será que é?

Coloquei a perninha do boneco pra fora da caixa. Então eles perceberam que se tratava de um boneco.



(A professora mostrando partes da surpresa)

Muito bem, vocês descobriram, olha o que eu trouxe para nossa turma!

São dois bonecos lindos! Vocês gostaram?

São bonecos negros!

Quem tem uma boneca parecida com essa em casa?

Poucos responderam que sim. Sabemos que geralmente as pessoas não dão bonecas negras para as crianças.

Olha o cabelinho dela?

É parecido com o meu! E enroladinho.

Quem tem o cabelo enroladinho igual ao meu?

Curioso que todos falaram que tinham o cabelo parecido com o meu. Até mesmo as crianças de cabelo bem liso.

Sugeri que todos tocassem nos cabelos dos bonecos. Eles tocaram depois cada um tocou no cabelo do outro, inclusive nos cabelos das professoras. Sentiram que cabelo é diferente, perceberam que uns cabelos são fininhos, outros são mais grossos, e ainda aqueles que não tinham cabelo, pois tinham cortado e estavam “carecas”.

Olha os bonecos são pretinhos!

Olha o que também tem na caixa, são livros!

Quem gosta de livros?

Todos responderam que gostavam, e realmente eles gostam muito de livros.

Inicialmente se encantaram mais com os bonecos. E começaram a perguntar:

- Você trouxe pra mim?
- Posso levar pra casa?
- Eu quero brincar com ela!

Expliquei que aqueles bonecos podem ser levados pra casa sim.

A professora Lisieux sugeriu que colocássemos nomes nos bonecos, já que temos nomes, eles também precisavam de nomes. Começaram então a decidir o nome dos bonecos. Entre várias opções decidiram por Mariana e João.

Pensamos também já que eles fazem parte da turma, tinham que ter suas fotos na chamadinha. E tiramos fotos dos bonecos, para colocar na chamada.

Apresentei às crianças os livros falei sobre os autores, contei um pouco sobre eles, falei sobre os ilustradores, que são as pessoas que fazem os desenhos que eles adoram ver nos livros.



(Foto tirada dos bonecos para colocar na chamada)

E nas estórias escritas nesses livros tinham personagens negros e lindos parecidos com esses bonecos que eu trouxe, e eles iam gostar muito de ouvir as estórias.

Imediatamente quiseram que eu contasse a estórias da Bonequinha preta.

Porém, disse que contaria sim, mas precisaríamos combinar algumas coisinhas antes.

E comecei a questioná-los a respeito dos cuidados com os livros e os bonecos.

Quem quer levar a e um livrinho pra casa?

Mas vocês acham que a gente pode rasgar os livros?

Pode rabiscar?

E os bonecos, podem molhar?

Você acha que a boneca gostaria de ficar careca?

Então você acha que pode arrancar os cabelos dela?

E se alguém fizer isso?

Então combinamos:

Cuidar da boneca e dos livros com bastante carinho.



Essa atividade foi enviada a cada criança, seguida de orientações escritas aos responsáveis que foram previamente informados sobre os trabalhos que seriam desenvolvidos com a turma em reunião.

Após as conversas, as crianças puderam explorar todos os materiais apresentados da forma que quiseram.



(Exploração das crianças dos bonecos e dos livros apresentados)

Depois de muito explorar os bonecos e os livros, fizemos a rodinha seguida da música pra estória e contei pra eles a Menina bonita do laço de fita. Eles ainda não tinham ouvido a estória, adoraram como na estória repetidas vezes o coelho diz a mesma frase 'Menina Bonita do laço de fita, qual é o seu segredo pra ser tão pretinha'? Ao terminar a estória a maioria já estava repetindo a fala do coelhinho, claro que da maneira deles. E foi assim o tempo todo.

Atividade 2

Iniciei as atividades com a caixinha de novidades, apresentando às crianças fotos de pessoas negras e brancas com penteados bem diferentes, na maioria cabelos afros, estilos Black Power. E perguntei a eles:

Olha o que eu trouxe!

Eles começaram a explorar as imagens.

Observei que alguns riam muito achando engraçado, as meninas gostaram mais dos cabelos com as buchinhas coloridas e com tererês, outros nem se interessaram pelas imagens.

O Bruno disse:

- Eu conheço um cara que usa um cabelo que nem esse!

Aproveitei, e falei que muitas pessoas usam cabelos assim, inclusive uma menina chamada Bintou de um livro que eu trouxera para eles, na caixinha de novidades.

Pois agora vou contar pra vocês a estória dessa menina linda e de seu cabelo lindo. Vamos escutar com atenção. Cantamos a música para a estória.

Eu vou te contar uma estória,
Agora atenção, que começa
Aqui no meio da palma da minha mão,
Bem no meio tem uma linha ligada ao coração,
Que sabia dessa estória antes mesmo da canção
Da tua mão... Da tua mão.

Esse verso é cantado toda vez, que será contada uma estória.

E usei um recurso tecnológico o datashow para contar a estória. As crianças mesmo que pequenas ficaram muito atentas á estória, pois a imagem grande no data show causou um impacto positivo para as crianças.

Fui contando a estória na medida em que as imagens iam sendo projetadas.

Após a exposição fiz alguns questionamentos a elas:

Vocês gostaram da estória?

Vocês acharam bonito o cabelo da Bintou?

Quem quer fazer um penteado parecido com o da menina?

Ah... Então eu vou fazer um penteado nas meninas e nos meninos.

Vocês vão ficar bonitos, como a Bintou.

Utilizando bucinhas coloridas, prendedores coloridos, gel, elásticos coloridos e tererês coloridos, fiz penteados nas meninas e nos meninos.



(Eu, Andréa fazendo penteados nas crianças)



(Maria Eduarda pousando para foto do seu novo penteado)

Atividade 3

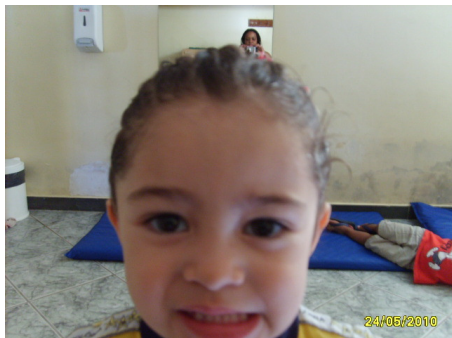
Após realizar penteados com as crianças, tiramos fotos de todos e fizemos um mural de cabelos afro da turma do maternal. Eles adoraram se ver no mural!

Aproveitando essa atividade fizemos o desenho da Maria Eduarda, ela deitou-se no papel craft, orientado e ajudado pela minha companheira de sala o Arthur foi contornando o corpo da Maria Eduarda no papel.

Em seguida as crianças foram nos falando o que estava faltando completar no desenho da Maria Eduarda. Falaram olhos, boca, nariz, cabelo, umbigo, orelhas. E assim aconteceu com todas. E não se esqueceram dos tererês no cabelo da Maria Eduarda.



(Desenho do corpo da Maria Eduarda feito pelas crianças junto com a professora)



(Clarissa pousando pra foto)



(Cauã, Bruno, Arthur e Ýtalo)

Família e escola uma parceria fundamental

Objetivo

- Estimular a participação das famílias no processo de construção e de valorização da identidade da criança.

Atividade 1.

Ficou combinado que uma criança levaria para casa o boneco de sua preferência, um livro dentre os livros apresentados, Menina bonita do laço de fita, As tranças de Bintou ou Bonequinha preta e um pedaço de pano, com canetas de tecido.

Em casa as crianças junto com o pai, a mãe ou tio, tia, avó, avô, ajudariam a fazer um registro, através de desenhos da estória lida.

A primeira criança a levar foi a Luna, dava gosto de ver alegria da menina! Todas as crianças queriam levar a boneca ao mesmo tempo, porém tivemos uma conversa, expliquei mais uma vez que todos levariam pra casa, mas teriam que aguardar sua vez.

Para minha surpresa todos compreenderam, e nos dias que se seguiram, quando eu chegava à sala, iam logo me perguntando:

- Andréa quem vai levar a bonequinha?

Tive certo receio de que os meninos não quisessem levar a boneca e fiz também o boneco, mas pra minha surpresa os meninos escolhiam levar a boneca. Dei bastante ênfase ao cuidado que se deve ter com o livro, com a boneca e os materiais que estavam levando na bolsa.



(Luna se preparando para levar para casa a boneca e o livro que escolheu)

Cada criança ficou aproximadamente dois dias com os materiais em casa.

No dia de devolver o boneco/ ou a boneca e os outros materiais, e feito perguntas como:

Você gostou de levar a Mariana /João pra sua casa?

O que vocês fizeram juntos?

Você cuidou bem dela/dele?

E sua mãe/pai, leu o livro pra você?

Você gostou da estória?

Você fez o desenho?

Quem te ajudou a fazer?

O desenho é mostrado pra toda a turma, sempre elogiando e estimulando a criança a falar o que desenhou que parte fez sozinha.

E depois a contar do jeito dela a estória.



(Trabalho feito pela Agatha e sua família)

A cada dois dias uma das crianças da turma e levava o livro e a boneca(o).

E assim aconteceu até que todas as crianças levassem. Sempre pediam para ficar com a boneca, pois tinham gostado muito de estar com ela.



(Trabalho feito pela Tauany e sua família após levar o livro " Menina bonita do laço de fita")



(Trabalho feito por Átalo e sua família, após levar o livro “ A bonequinha preta”)

Com os registros das crianças e das famílias fiz cortinas coloridas, para que todos vejam na feira de cultura da escola, às produções das crianças e de seus pais.

Pequenos Autores

Objetivo

- Todas as atividades tiveram como um dos objetivos a adequação do ensino da cultura afro brasileira às práticas pedagógicas na educação infantil, portando as atividades que seguem abaixo são seqüências de todas as outras anteriores.

Atividade 1

Fiz com a participação da minha companheira de trabalho, a dramatização da história “Menina bonita do laço de fita”, pra a turminha, porque percebi que das estórias apresentadas foi à estória que eles mais gostaram, sempre me pedindo pra ler. Quase todos dos dias. Foi unanimidade total! Eu era a menina bonita e ela o coelho, as crianças vibraram, seus olhos brilhavam, pois é uma estória que eles gostaram muito. Não sei se realmente pela estória, ou se pelo coelho, pois eles gostam muito de estórias que tenham animais. Fiz também esse mesmo teatrinho, improvisado com o Arthur. Ele gosta tanto dessa estória que toda vez que conto ele fica tão atento, presta tanto atenção que acaba por gravar na memória as falas e até boa parte da estória. Fiz o teatrinho com ele sendo o coelhinho e eu a menina, ele falou quase todas as falas como o coelhinho da estória, ficamos impressionadas. Já é hábito deles ouvir essa estória todos os dias, e eles mesmos já fazem sozinhos a dramatização do jeito deles.

Atividade 2

Confecção de boneca de jornal

Aproveitando todas as estórias apresentadas, fiz com as crianças, bonecas de jornal. Eles pintaram os jornais com tintas pretas, brancas, da cor que eles queriam, utilizando rolinhos. São crianças que adoram pintar, é um momento muito prazeroso para eles.



(Maria Eduarda, Tauany e Danielle, pintando o jornal pra fazermos a boneca de jornal)



(Vitor, Alex e Adriene terminando de pintar o jornal)

Sendo orientados a todo o momento pelas professoras da sala colaram cabelinho de lã, fizemos boquinha com canetão, vestiram as bonecas. Depois brincaram com suas bonecas e bonecos na sala. Algumas crianças inventaram nomes para os seus bonecos.



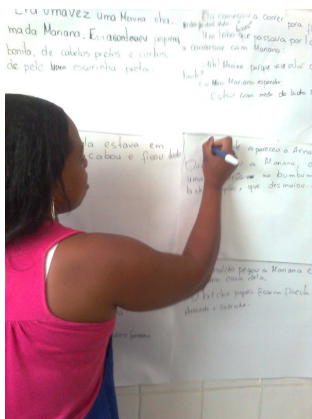
(Clarissa escolhendo o cabelo de sua boneca e Alex mostrando sua boneca)

Atividade 3

Confecção de livro de pano com as crianças do maternal

Desde o início dos trabalhos toda vez que ia ler um livro para as crianças sempre falava do escritor, do ilustrador, mostrava a capa, falava um pouco sobre a vida pessoa que escreveu a estória. Isso se tornou um hábito ao ler estórias, com isso algumas crianças já até sabem falar o nome da escritora de Menina bonita do laço de fita. Às vezes quando eu me esquecia de falar o nome do escritor, alguma das crianças sempre me lembrava de falar. Inicie essa atividade perguntando as crianças se elas se lembravam de que eu havia dito que eles iam escrever um livro, logo em seguida o Arthur falou:

- Mas eu não sei escrever! Expliquei que eles iam falando e eu ia escrevendo tudo aquilo que eles falassem.



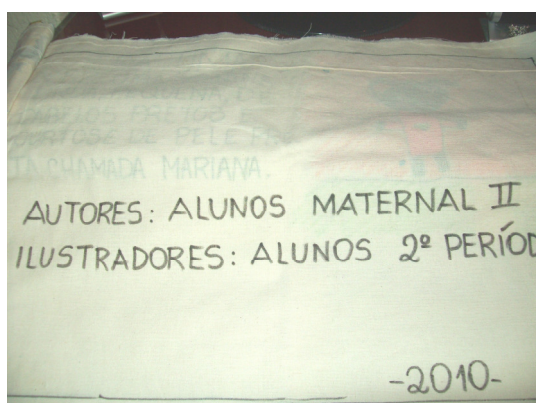
E assim aconteceu. As crianças foram falando e eu fui escrevendo inventaram uma estória cujo personagem principal era uma menina negra, de cabelos curtos, e muito bonitos, acredito eu que essa estória criada por eles possa ter sido influenciada pela Menina bonita do laço de fita, que é uma história que eles gostam muito. Lembrei a eles que toda estória tem o escritor, e o ilustrador é quem faz os desenhos que eles adoram ver nos livros. Falei que precisaríamos de um ilustrador; todos queriam ser o ilustrador, mas então, lancei a idéia de que podíamos convidar outras pessoas para ilustrar o livro que eles acabaram de criar,

sugeri as crianças do 2º período, que na linguagem deles “os meninos grandes”, poderiam desenhar no livro deles.

Aceitaram a idéia. Combinamos tudo com a professora do 2º período, as crianças do maternal fizeram a apresentação da estória para eles, inicialmente contaram do jeito deles, em seguida eu li como estava escrito no livro. As crianças do segundo período gostaram muito e a professora deles também, foi muito bom essa troca entre as duas turmas. Adriene entregou o livro para os alunos do 2º período que levaram para poderem fazer o trabalho de ilustração do livro.



(Ilustração feita por crianças do 2º período no livro criado pelo maternal II.)



(Contra capa do Livro “Mariana e o Bicho Papão”.)

3. Análises das atividades desenvolvidas

“Trabalhar com a questão da diversidade é muito complicado para as crianças de 2 anos, as crianças dessa idade não vão compreender esse tema tão complexo.” Essa é uma frase que ouvi algumas vezes ao longo do meu trabalho. Foi um desafio mesmo. Alguns profissionais acreditam que temas como esses só devam ser citados ou trabalhados em turmas de crianças maiores, alfabetizadas, com linguagem desenvolvida, ou seja, com crianças escolarizadas. Segundo eles, situações de preconceito e discriminação só podem acontecer com crianças maiores. Percebi ao longo de minha pesquisa, que essas situações ocorrem sim, e com bastante frequência, mas que passam despercebidas por nós, pois temos aquela cultura de achar que crianças pequenas são ‘anjos por natureza’ incapazes de terem atitudes discriminatórias.

Contudo percebi que elas apresentam sim no cotidiano, atitudes discriminatórias e preconceituosas, e acredito são reproduções dos exemplos que elas têm em casa, e até mesmo no ambiente escolar. Um exemplo disso aconteceu em uma das atividades que realizei no pátio, onde íamos fazer brincadeiras de roda, sugeri que fizéssemos uma roda grande, nesse momento, percebi que algumas meninas se recusavam em dar as mãos ao João. Perguntei o porquê da atitude delas em não querer fechar a roda, não souberam responder. Muitas das vezes é isso que acontece, as crianças pequenas tem determinadas atitudes, porém tem dificuldade em se expressar, ao contrário dos maiores que por já terem a linguagem bem desenvolvida, são capazes de argumentar. Preocupava-me muito em criar atividades que fossem prazerosas e estimulantes para crianças, por isso tive o cuidado em escolher histórias que tratam da diversidade de uma maneira bonita e sensível. Uma possibilidade aparentemente simples ocorreu na hora do banho, percebi que poderia ser uma ótima oportunidade para conversar com as crianças sobre sua pele, seu cabelo, ao lavar os cabelos sentir sua textura como fica quando estão secos e molhados. Atitudes carregadas de intencionalidade e de objetivos claros em ajudar a criança a se perceber.

A partir de minhas pesquisas percebi que para essa idade a literatura poderia me auxiliar muito, sendo o instrumento mais utilizado no meu trabalho. A literatura esteve presente em todos os momentos e acredito ficará presente na memória das crianças por um bom tempo. Ao trabalhar a auto-estima das crianças, procurei proporcionar a elas o contato com a diversidade, sem padronizações ou modelos. Apresentei vários tipos de belezas entre elas à beleza negra. Através de imagens, de fotos, do reconhecimento de si, da sua imagem e da beleza do outro.

As atividades com o espelho foram fundamentais uma vez que havia criança que não se conhecia, nunca tinha se visto perante o espelho, esse momento para ela foi único, sugeri que tocassem em sua pele, em sua boca, no nariz, nos cabelos, imitassem os outros colegas, e depois uns tocavam os outros.

A educação pode desenvolver uma pedagogia corporal que destaque a riqueza da cultura negra inscrita no corpo, nas técnicas corporais, nos estilos de penteados e nas vestimentas, as quais também são transmitidas oralmente. São aprendizados da infância e da adolescência. (Gomes,2003,pág.3)

Se reconhecer e reconhecer o outro mesmo sendo diferente, ficou evidente quando as crianças olhavam as fotos dos colegas e dizia o nome de algum deles entre tantos outros. Saber reconhecer o outro justamente pela diferença, de forma positiva. Hoje, nas rodas de conversas as crianças já conseguem expressar mesmo utilizando uma linguagem ainda em desenvolvimento, sua satisfação, seus medos, seus gostos e preferências.

Faziam constantemente esse exercício ao longo de todo o processo de desenvolvimento do plano de ação. Na rodinha as crianças eram estimuladas a falar sobre as histórias, sobre as experiências que tiveram ao levar o livro para casa, como tinha sido a visita, sobre os personagens, se havia gostado do livro, o que fez com a boneca(o), quem da família tinha ajudado a fazer os desenhos. Durante as rodas de histórias, foram lidos 4 livros de literatura infantil, escolhi esses livros por terem personagens negros e ser objetivo do meu plano de ação adequar o ensino das questões afro brasileira nas práticas pedagógicas da

Educação Infantil. Um dos livros trabalhados, Os cabelos de Bintou. Um livro apaixonante, que trata as questões do cabelo de uma forma bem interessante. As crianças do maternal mais precisamente as meninas, apresentam uma preocupação até grande com os cabelos, todas gostam de estarem bem penteadas, e os meninos também gostam do penteado “moicano”. Aproveitei todo esse cuidado que eles tinham com os cabelos, trabalhei esse livro mostrando as crianças novas possibilidades de beleza. Através das fotos, das imagens de vários penteados. Fiz um dia de salão de beleza, onde eles puderam escolher qual penteado usar, levei para a sala, vários acessórios para cabelos, como tererês, buchinhas e presilhas coloridas, eles amaram, todos queriam fazer penteados, elas ficaram muito lindas. Percebi nessa atividade a importância dos cabelos que Gomes (2002, p.3) enfatiza:

O corpo evidencia diferentes padrões estéticos e percepções de mundo, pinturas corporais, penteados, maquiagens, adquirem dentro de grupos culturais específicos, sentidos distintos para quem os adota e significados diferenciados de uma cultura para outra. E é justamente o olhar sobre o corpo negro na escola que nos leva a considerar Professores/as e alunos/os negros e brancos lidam com dois elementos construídos culturalmente na sociedade brasileira com os definidores de pertencimento étnico/racial dos sujeitos conseguem falar sobre essas experiências e emitir opiniões sobre temas tão delicados que tocam a sua subjetividade.

Depois dos penteados, cada uma delas pousou para fotos, e fizemos um lindo mural com fotos de todos. Foi uma atividade tão interessante, que até no dia seguinte elas queriam que eu fizesse penteados nos cabelos novamente. Fiz com as crianças bonecas com jornais, elas pintaram os jornais, e depois de montadas por elas enfeitavam de acordo com suas preferências de cabelo, de cor de roupa, de cor de olhos, em seguida cada um deu nome a sua boneca, os meninos preferiram fazer bonecos, e as meninas bonecas. Tinha bonecos de todo jeito de cabelo vermelho, azul, negros, brancos, vermelhos, foi uma festa de cores! Espontaneamente as crianças começaram a criar falas para as bonecas, se juntavam aos pares, e em pequenos grupos e começaram a brincar inventando situações com o brinquedo que acabaram de confeccionar, foi muito interessante, como algumas crianças conseguiam criar histórias com uma sequência lógica. Ficamos impressionadas com a desenvoltura do Arthur e da

Agatha que de forma tão natural, fizeram um diálogo, entre seus bonecos, onde o tema era namoro. Um boneco queria namorar o outro, porém a outra não estava interessada, e assim, foi dando seqüência na estória.

Ao final segundo eles mesmo, viveram felizes para sempre. As atividades que desenvolvi estimularam as crianças a se expressar, a dar opiniões, a se relacionar com o outro. A linguagem oral foi muito utilizada, pelas crianças por ser um recurso mais adequado á criança nessa idade de desenvolvimento da fala. Na construção do livro do maternal, as crianças utilizaram a linguagem verbal de uma maneira muito consciente, tenho convicção de que a maioria deles compreendeu da maneira deles, a função social da língua, da escrita. Pois ao dizer a eles que faríamos um livro, Arthur me disse que não sabia escrever e outros como o Bruno, Ágatha também perguntaram. Esses questionamentos vindos de crianças tão pequenas demonstram claramente a percepção que elas estão construindo sobre a linguagem e a escrita. Que não basta apenas fazer riscos, pois as pessoas não iriam entender, simplesmente porque elas não sabiam escrever. Porém expliquei para elas que elas iam falando e eu que sei escrever, iria escrevendo tudo, da maneira que elas iam contando. Ficaram mais satisfeitas e concordaram. Eu disse também que na confecção de um livro tem aquele que escreve, ilustra, a editora que divulga e faz copias dos livros.

Eles seriam os autores, eu escreveria e nós convidaríamos outra pessoa para fazer a ilustração do nosso livro, sugeri que fossem os alunos do 2º período, pois eles iam sair da escola, e seria bacana ter uma lembrança deles no maternal. Eles gostaram da idéia. E a professora do 2º mais ainda. E assim aconteceu começaram a contar a estória, da forma tradicional “Era uma vez...”e eu fui escrevendo na lousa eles foram falando e a outra professora foi ajudando fazendo alguns questionamentos para que as crianças fossem organizando o pensamento dando coerência e seqüência á estória. Em um dado momento da estória onde a personagem principal estava fugindo do Bicho Papão, o Arthur que é uma criança muito criativa, colocou na estória um lobo. Porém não era um lobo comum. Era o lobo Guará, um lobo bom, ficamos ser saber de onde ele havia escutando a palavra Guará, foi então que a professora que trabalha comigo nessa turma, lembrou-se que há um tempo ela havia contado uma estória, e nela tinha um lobo Guará. Como ele tinha uma boa memória!Dando seqüência, a mesma criança ainda falou:

- E o Arnaldo pegou e levou a Mariana para a casa dela.

Ficamos sem saber quem era o Arnaldo, imaginamos que fosse algum conhecido dele, pois esse nome não é muito comum para uma criança. Questionamos se era alguém que ele conhecia, porém segundo ele, não conhecia nenhum Arnaldo. Ele havia realmente inventado esse nome. E fizeram uma estória original e engraçada.

Preparei um livro de pano, escrevi nele a estória que eles fizeram, e sugeri que fossemos á turma do 2º período para levar o livro que seria por eles ilustrado. Sugeri que o maternal contasse para o 2º período à estória que eles tinham feito. Imaginei que eles não iam lembrar a estória já que tinha se passado alguns dias, talvez pudessem ter se esquecido. Para nossa surpresa contaram com riqueza de detalhes. Ao serem perguntados pela coordenadora, quem era o autor da estória, todos levantaram as mãos. Ficamos extasiadas de alegria com a atitude das crianças em se reconhecer como autores no processo de construção da estória.



(Ilustração do livro do maternal II, feita por crianças do 2º período)

3.1 Conclusões e considerações finais

Identificar os próprios gostos e preferências, conhecer habilidades e limites, reconhecer-se como um indivíduo único, no meio de tantos outros igualmente

únicos. Esse é o processo de autoconhecimento, que tem início quando nascemos e só termina no final da vida, pelas pessoas com as quais convivemos e pelo ambiente.

A escola, assim, tem papel fundamental na construção da identidade e da autonomia de cada criança a faixa etária até 3 anos.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, a identidade "é um conceito do qual faz parte a idéia de distinção, de uma marca de diferença entre as pessoas, a começar pelo nome, seguido de todas as características físicas, do modo de agir, de pensar e da história pessoal". Devemos evitar os estereótipos e nunca tomar a homogeneidade como parâmetro. Afinal, não existe uma pessoa igual à outra.

È necessário criar situações em que os pequenos descubram suas particularidades e proporcionar a eles momentos de interação com os colegas, seja eles da mesma idade, mais novos ou mais velhos.

Todas as descobertas e brincadeiras feitas nos três primeiros anos de vida estão relacionadas à construção da identidade e à autonomia. "Nessa fase do desenvolvimento, todos os objetos manipulados são, para a criança, uma extensão de si mesma." Nessa interação, meninos e meninas procuram entender o mundo que os rodeia.

Não existem nessa instituição, falas preconceituosas entre os profissionais em relação às crianças, porém observei algumas situações de discriminação entre crianças, mais precisamente no maternal II, que foi meu objeto de estudo.

A meu ver foram reproduções do que elas percebem em seu ambiente familiar e até mesmo escolar. Pois embora um ambiente seja favorável as diferenças, não significa que situações de discriminação não possam ocorrer. As relações acontecem e com eles os conflitos também. O importante e essencial e saber lidar com eles.

Percebi nas crianças do maternal maior aceitação do outro, no momento da roda, não ficam mais escolhendo colegas para dar as mãos, adoram brincar com os bonecos negros, que antes para eles não era muito prazeroso. E quando estão

a criar estórias algumas vezes ao descrever algum personagem acontece de ter um negro ou preto como eles dizem.

Acredito que essa atitude faz compreender que eles já percebem o outro e com ele sua diferença, pois não há ninguém igual. Adoram ouvir a estória da Menina bonita do laço de fita, desenvolveram o gosto pela roda de estórias, estão mais atentos e ouvem a opinião dos outros.



(Desenho feito por crianças do 2º período)

Acredito que o trabalho de reconhecimento e valorização de si e do outro deve acontecer em todos os níveis de ensino independente de sua obrigatoriedade ou não. As relações que estabelecemos na vida adulta são fortemente influenciadas pelas construções feitas no período de escolarização, e é na Educação Infantil onde as crianças estão em fase de desenvolvimento da linguagem, do pensamento, da socialização, que essas questões deveriam ser priorizadas, pois nessa fase elas estão construindo a imagem que ela tem do outro e de si mesma. Nesse sentido percebo que para além de conteúdos sistemáticos e programados, a escola ensina para vida, esse ensinamento poderá facilitar ou dificultar as relações humanas dependendo de como essas forem construídas.

4. Referências bibliográficas

SECAD, Orientações e Ações para a Educação das Relações étnico-Raciais, Brasília: 2006

BRASIL. Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003.

MARQUEZAN, L.I.P. Auto-estima, auto-imagem e/ou auto-conceito. Revista Cenas e Cenários: reflexões sobre a Educação, p.104-115, 1998.

FREITAS, M. T. A. Vygotsky e Bakhtin Psicologia e educação: um intertexto. São Paulo: Ática, 1996.

DIOUF, Sylviane A. As tranças de Bintou. São Paulo: Ed. Cosac & Naify, 2004.

MACHADO, Ana Maria. Menina Bonita do laço de fita. Ilustração: Claudius. 7ª. Ed. São Paulo: Ática, 2005.

BRASIL. REFERENCIAL CURRICULAR PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL. V. 2, Brasília: MEC/SEF, 1998

BELÉM – Valeria Os cabelos de Lelê. Companhia Editora Nacional - Infantil.

MOVIMENTO DE LUTA PRÓ-CRECHES. Sou preta da linda cor. Cartilha. Jul, 2001,

Proposições curriculares da educação infantil do Município de Belo Horizonte

KINDERSLEY, Anabel. Crianças como você. UNESCO: Ática

PPP. Projeto Político Pedagógico Umei Anabel. Vila Apolônia -2009

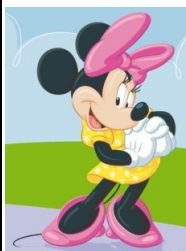
COR DA CULTURA. Desenhos animados 2010

Gomes Nilma Nilo.Cultura negra e Educação. Revista brasileira de educação. 2003

Gomes Nilma Nilo. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?Revista brasileira de educação. 2002

Paraíso, Marlucy. Contribuições dos estudos culturais para o Currículo. Presença Pedagógica. V.10, n.55. Belo Horizonte: Dimensão, jan/fev.2004

4. Apêndices



OLÁ PESSOAL DE CASA!

ESTOU ENVIANDO UM TRABALHINHO PARA SER FEITO COM SUA CRIANÇA. ESSA É UMA ATIVIDADE QUE TEM POR OBJETIVO, ESTIMULAR O GOSTO PELA LEITURA, O CUIDADO, A AFETIVIDADE E A VALORIZAÇÃO DAS DIFERENÇAS.

_____ ESTÁ LEVANDO:

1 LIVRINHO

UM (A) BONECO(A) DE PANO

7 CANETAS PARA DESENHAR EM TECIDO

1 PEDAÇO DE TECIDO.

O LIVRINHO É PARA SER LIDO PARA SEU FILHO (A) E AS CANETAS E OS TECIDOS SÃO PARA QUE SEJA FEITO UM DESENHO SOBRE A HISTÓRIA LIDA, DA MANEIRA QUE ACHAR MELHOR.

QUANTO AO BONECO (A) É PARA QUE SUA CRIANÇA BRINQUE E SE DIVIRTA COM ELE(A).

PEÇO POR GENTILEZA QUE INCENTIVE SUA CRIANÇA A CUIDAR DO LIVRO E DO BONECO, PARA QUE OUTRA CRIANÇA DA TURMINHA TAMBÉM POSSA LEVÁ-LO PARA CASA EM BOM ESTADO.

AGRADEÇO DESDE JÁ SUA COLABORAÇÃO, EMPENHO E DISPONIBILIDADE EM REALIZAR ESSA ATIVIDADE QUE SÓ IRÁ AJUDAR NA CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA E DA IDENTIDADE DE SEU FILHO.

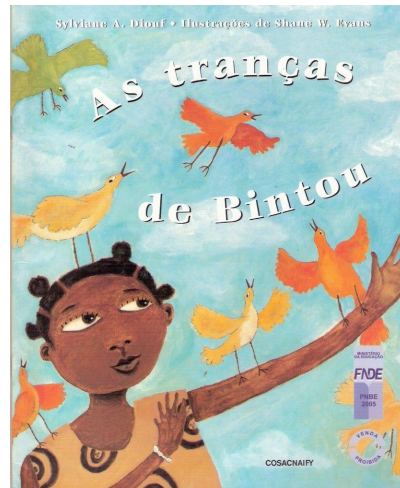
SUA PARTICIPAÇÃO É MUITO IMPORTANTE PARA NÓS.

ESSES MATERIAIS DEVEM SER DEVOLVIDOS PARA A ESCOLA NO DIA ___/___/___.

BEIJOS



(Livro “Menina bonita do Laço de Fita” de Ana Maria Machado)



(LIVRO “As tranças de Bintou”de DIOUF, Sylviane A. Diouf



(Cauã, João e Gabriel, manipulando um livro)



(Maria Eduarda e Adriene manipulando livros)



(A turma do Maternal após um momento de leitura)

